

# ANTROPOLOGIA TANATOLÓGICA: O ESTUDO DE LOUIS-VICENT THOMAS<sup>1</sup>

## THANATOLOGICAL ANTHROPOLOGY: THE STUDY OF LOUIS-VICENT THOMAS

**Edilson Baltazar Barreira Júnior**

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor da disciplina Sociologia e Antropologia Jurídica na Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza (FAMETRO).

### RESUMO

O ensaio objetiva apresentar ao público brasileiro as principais ideias contidas no livro Antropologia da morte de Louis-Vicent Thomas, ainda não traduzido para o Brasil. O robusto trabalho etnográfico do antropólogo francês coteja o modo de enfrentamento da morte em algumas sociedades tradicionais africanas com a sociedade ocidental, industrial e moderna. O estudioso conclui que o homem ocidental está tão dedicado às conquistas e buscas de rentabilidades que pouco pensa sobre a morte. No entanto, o africano das sociedades tradicionais celebra a vida, de tal forma, que tende a atenuar o impacto da morte, considerando-a como um momento imaginário que suspende provisoriamente a singularidade do ser. Assim, a relevância do texto de Thomas é trazer a morte para o debate social, pois cada vez mais tem sido tirada do espaço público.

**Palavras-chave:** Morte. Antropologia. Louis-Vicent Thomas. Sociedades tradicionais.

### ABSTRACT

*This essay aims to present the Brazilian public the main ideas contained in the book Anthropology of death of Louis-Vincent Thomas, not yet translated into Brazil. The robust ethnographic work of the French anthropologist collates the way of coping with death in some traditional African societies with western society, industrial and modern. The research concludes that Western man is so dedicated to the achievements and searches that returns just think about death. However, the African traditional societies celebrates life, so that tends to mitigate the impact of death, considering it as a moment imagined that temporarily suspends the singularity of being. Thus, the relevance of the text of Thomas is to bring death to the social debate, it has increasingly been taken from the public space..*

**Keywords:** Death. Anthropology. Louis-Vincent Thomas. Traditional societies.

Recebido em: 23/11/2013

Aceito em : 23/01/2014

## 1 INTRODUÇÃO

O debate sobre a morte nas sociedades contemporâneas ocidentais parece figurar-se como um tabu, pois se reveste de desaprovacão e vergonha (KEARL, 1989, p. 45). Isto, em parte, surge pela tentativa de enclausurar o doente ou moribundo, como forma de ocultar a sua condição e ao mesmo tempo dispensá-lo de seus sentimentos<sup>2</sup>. Assim, a inevitabilidade da morte leva a sua ocultação.

No elenco das várias obras publicadas, especialmente, na França desde a década de 1970, sobre aquilo que parece ser a crise contemporânea da morte, destaco os trabalhos de Ariès (1981), Morin (1997), Ziegler<sup>3</sup> (1975), além do livro de Louis-Vicent Thomas<sup>4</sup> (1993), intitulado *Antropologia da Morte*, cuja primeira edição, em francês, data de 1975. O denso trabalho etnográfico parte de uma comparação no modo como as sociedades tribais africanas e a sociedade ocidental industrial de nossos dias enfrentam a morte. Conclui que o homem ocidental “escravo” do tempo e sempre buscando novas conquistas e rentabilidades pouco pensa na morte. O africano tribal, porém, celebra a vida, de maneira a diminuir o impacto da morte, considerando-a apenas um momento imaginário que interrompe, provisoriamente, a singularidade do ser.

Os trabalhos desses autores apontam que a razão pela qual a morte não é objeto do debate social decorre da sua retirada do espaço público nas sociedades ocidentais contemporâneas. Público é aqui entendido como o mundo fora do âmbito da família e dos amigos íntimos, constituído por grupos sociais

que interagem. Assim, o público é aquilo que está aberto à observação de qualquer pessoa, enquanto o privado é a área protegida pela família e os amigos (SENNETT, 2001, p. 30).

Portanto, a proposta deste ensaio é apresentar o estudo antropológico de Louis-Vicent Thomas, o qual está consubstanciado no livro *Antropologia da Morte*. Tal empreitada justifica-se pelo ineditismo da obra no Brasil e pela importância do trabalho antropológico, o qual discute profundamente sobre a morte, uma temática considerada tabu nas sociedades ocidentais modernas.

## 2 UMA TEORIZAÇÃO ANTROPOLÓGICA DA MORTE

Thomas (1993), em *Antropologia da Morte*, apresenta três razões que o levaram a escrever o livro. A primeira refere-se ao fato de a morte ser um acontecimento universal e irrecusável, pois é o único evento na vida, que, embora possa ser ignorado, com certeza, um dia baterá à porta. O outro motivo diz respeito ao anúncio da necessidade da morte, porque, de um ponto de vista biológico, é o que permite a sobrevivência da espécie. Finalmente, no mundo ocidental, o homem é prisioneiro do tabu da morte, pois falar sobre esta realidade demonstra uma atitude mórbida, beirando ao macabro. Assim, o homem ocidental diante da morte adota uma atitude de fuga ou indiferença.

O autor defende seu projeto de elaboração de uma antropotanatologia, argumentando que a morte é fragmentada entre os mais variados profissionais como:

O teólogo e o filósofo, o psicólogo, o psicanalista e o psiquiatra; o biólogo e o bioquímico; o demógrafo e o sociólogo; o jurista, o criminalista e o economista; o artista e o crítico de arte; o historiador e o geógrafo; sem esquecer o sacerdote, o médico – seja o técnico da saúde ou o legista –, o corretor de seguros, o funcionário de serviços funerários, os enfermeiros, os urbanistas. Em geral, cada indivíduo percebe a morte, a do outro, eventualmente a sua, segundo a óptica própria de seu ofício, da ordem de suas preocupações intelectuais, de sua ideologia ou a do grupo ao qual integra. (THOMAS, p. 1993, p. 10-11).

<sup>1</sup> Antropólogo francês falecido em 1994, que dedicou alguns anos de estudo sobre ritos da morte entre comunidades tribais africanas.

<sup>2</sup> Sobre essa temática recomendo a leitura do livro *A solidão dos moribundos*, de Norbert Elias (2001).

<sup>3</sup> Publicou em 1975 o livro *Les vivants e la mort* (Os vivos e a morte), ainda inédito em língua portuguesa e esgotado na França.

<sup>4</sup> A versão utilizada neste trabalho é a reimpressa pela Editora Fondo de Cultura Econômica, da Cidade do México, em 1993.

Esta visão fragmentada, apontada pelo autor, não é suficiente para o entendimento do problema da morte, pois somente se pode compreendê-la por meio da Antropologia com a proposta de:

Ser a ciência do homem por excelência, que busca as leis universais do pensamento e da sociedade, levando em conta as diferenças de natureza espaço-temporal, com a finalidade de justificá-las tratando de reduzi-las a modelos universais e abstratos, a esquemas explicativos os mais gerais que seja possível, sem descuidar o mais que puder da referência ao mundo humano. (THOMAS, p. 1993, p. 11).

A antropologia tanatológica advogada por Thomas é comparativa, porque busca a unidade do homem em meio à diversidade, ou melhor, a universalidade é constituída a partir das diferenças. Ao trabalhar com método comparativo, o autor informa que há três possibilidades a optar. A primeira é confrontar o mundo rural com o urbano, descartada ante a acelerada urbanização dos campos. A outra opção é comparar um intervalo histórico (séculos XVII e XVIII) com os dias de hoje, da qual também desistiu, porque existem diminutos estudos sobre o período e pouco diversificados quanto à época e zonas geográficas. Por fim, fez a opção por situar frente a frente uma sociedade tradicional do mundo africano e a sociedade ocidental industrial hodierna, pois conhecia melhor aquela realidade, visto que muitos de seus trabalhos de campo foram realizados em tribos africanas.

Thomas destaca a noção de que, enquanto o homem ocidental afirma não temer a morte, porque no fundo se nega a crer na onipotência da vida, o africano tribal a exalta de forma rica e original, reduzindo “ao mínimo a magnitude da morte ao fazer dela um imaginário que interrompe provisoriamente a existência do ser singular”. (THOMAS, 1993, p. 11). Isto ocorre porque a morte só incide sobre a aparência individual, protegendo a espécie social mediante a onipresença dos antepassados e da reencarnação.

Para o homem ocidental com a vida agitada, na busca constante de benefícios e rentabilidades,

o mundo é uma realidade objetiva e em longo prazo condenado a destruição. Para o negro africano das sociedades tradicionais, o mundo manifesta-se como:

Um foco de forças vivas que é preciso respeitar, com o qual se estabelecem relações vivas e cotidianas, humanizadas, da ordem do discurso, com o qual se vive em simbiose estreita – revelada tanto pela análise dos elementos constitutivos do eu como pelo uso ritualizado das técnicas – e, portanto ele não poderia destruir sem destruir-se a si mesmo”. (THOMAS, 1993, p. 32).

Quando uma pessoa deixa de pertencer a determinada comunidade, em virtude do limite de idade, do desterro, do internamento em asilos, da perda das funções ou direitos civis, de acordo com Thomas, ocorre a morte social, iniciando-se uma abolição das lembranças. Para os negros africanos, a etapa final da morte ocorre quando há o aniquilamento total do esqueleto, a extinção dos familiares do falecido, ou quando não se faz mais nenhum sacrifício em sua memória.

Na contemporaneidade, com as múltiplas possibilidades no tratamento das informações pelos meios magnéticos, a conservação da imagem é muito mais acessível. Assim, as “memórias” eletrônicas constituem-se na reatualização dos mausoléus, como a tendência da civilização na manutenção das memórias de seus mortos. (LÉVY, 2011).

Conforme a exposição de Thomas, a morte social mais manifesta no Ocidente é a dos velhos, que inicia com a aposentadoria e finda no isolamento dos asilos ou leitos hospitalares. Afinal:

Os velhos assim como os condenados que esperam a execução ou os enfermos em perigo de morte, são defuntos em potência, biologicamente terminais, desgastados, socialmente inúteis (não produtivos, consumidores modestos), privados de suas funções (repousam antes do repouso eterno), que vivem frequentemente em condições econômicas precárias (sobretudo se pertencem às classes menos favorecidas da sociedade) em uma cruel sociedade. Somente lhes resta refugiar-se no sonho, ou passar a maior parte de seu tempo na cama, ou sentados junto à janela contemplando a um mundo que não os olha. (THOMAS, 1993, p. 57-58).

Assim, consoante Thomas, a evocação das memórias é a arma silenciosa dos velhos para enfrentar o ostracismo e a morte social. Bosi (1998) entende que a memória dos velhos pode desenvolver uma função social importante, em vez de ser um mero refúgio diante da exclusão, porque:

A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual. (BOSI, 1998, p. 82-83).

Bosi (1998) reconhece que o afastamento do velho de seu lugar social implica uma perda e um empobrecimento para toda a sociedade, pois “a velhice desgostada, ao retrair suas mãos cheias de dons, torna-se uma ferida no grupo”. (BOSI, 1998, p. 83).

O valor social do velho, ao qual alude Bosi (1998) é contemplado nas sociedades tradicionais africanas. O idoso ocupa posição de prestígio e destaque, mesmo quando cede seu lugar aos jovens na execução das atividades mais árduas. Ele continua ativo até a morte e, mesmo depois dela, quando é convertido em antepassado intervindo nos assuntos da comunidade. Numa sociedade dominada pela oralidade, o ancião é fundamental na manutenção dos vínculos sociais, por intermédio da experiência enaltecida pela virtude de seu exemplo e pelo poder de sua palavra. Desta forma, a evocação da memória dos velhos reforça a sua função de educador dos ritos iniciáticos.

Thomas registra o fato de que, o velho africano “com o domínio da palavra; sentido das relações humanas; contatos com o invisível, particularmente com o mundo dos antepassados” Thomas (1993, p. 439) sente-se preparado para a morte natural. A morte do idoso faz parte da ordem das coisas do mundo social. A despedida ritual, normalmente, é acompanhada de uma festa, em que:

Os cânticos estarão consagrados a sua memória, exaltarão suas qualidades, e deles o grupo extrairá benefícios. Pelo contrário, a morte de uma criança, que é um ser todavia incompleto, imperfeitamente socializado, despertará sem dúvida a dor da mãe, porém dará lugar a funerais rápidos e discretos, enquanto que o falecimento de um adulto em plena forma será sentido como uma perda cruel para a família e para o povoado; como diríamos, a sociedade vive como uma ofensa grave e uma mutilação lamentável o desaparecimento de um sujeito no qual há investido muito, e que é subtraído quando está em plena atividade produtiva, semelhante morte decididamente ‘contra natureza’ de modo que se invocará para explicá-la causa mágico-religiosas. (THOMAS, 1993, p. 439)

Em outro capítulo, Thomas trata sobre “a morte, o animal e o homem”, enfatizando a noção de que o pensamento africano tribal está repleto de temas como: o destino do animal semelhante ao do homem, manifesto no duplo e no totem; a metempsicose como explicação do culto ou respeito aos animais que reencarnam ou simbolizam os ancestrais; a morte profícua do animal mediante sacrifício, revitalizando o grupo social; e, ainda, a intervenção do animal na justificação mística para a morte.

O universo africano institui relações privilegiadas dos animais com os homens. O totem é um significativo fenômeno deste envolvimento, em que:

O animal totêmico é aquele no qual o clã reconhece um antepassado, um protetor e um signo de união, manifestação da consciência de espécie. Daí a assombrosa paridade de destino entre o homem e seu duplo totêmico; daí a proibição de matar, e com maior razão de comer (salvo em certos ritos precisos) a seu próprio totem. (THOMAS, 1993, p. 101).

Outro elemento deste mundo africano é o sacrifício animal inserto no plano da vida religiosa. O animal, substituto do homem, converte-se em vítima no sacrifício, apaziguando a ira dos deuses<sup>5</sup>. Quando são reatados os laços de comunhão com os deuses ou antepassados, com a imolação do animal, sua carne é comida, a fim de reforçar “a coesão do grupo,

<sup>5</sup> Sobre a temática do sacrifício sugiro a leitura das obras de Grottanelli (2008), Girard (2011) e Mauss; Hubert (2005).

que aguarda desde este momento o perdão e as bênçãos dos poderes sagrados”. (THOMAS, 1993, p. 103).

De acordo com o pensamento africano, o animal também pode ser responsável pela morte do homem, como se percebe nesta descrição sobre os mitos originais:

O animal rápido – nos dizem – leva em si a mensagem da morte, enquanto que o animal mais lento é anunciador da vida. Os dois são enviados simultaneamente aos homens por Deus ou o Demiurgo. ‘No entanto, segundo a lógica humana, receber a rapidez é obter a vida, enquanto que acolher a lentidão é admitir a morte. Assim, o mensageiro rápido chega primeiro ao mundo terrestre, não somente porque é mais diligente, senão também porque, segundo os homens, ele significa a vida. Em suma, a morte se introduz entre os vivos coberta da noção de rapidez que significa vida na óptica humana e morte segundo a lógica do céu. [...] os mensageiros desempenham o papel de mediadores entre o mundo celeste e o mundo terrestre; permitem a passagem de uma significação à outra das noções que denotam a vida e a morte. (THOMAS, 1993, p. 107, grifo do autor).

No mundo ocidental, diferentemente do universo africano tribal, há nítida ruptura entre o homem e o animal, porque as espécies animais são consideradas inferiores, sem vida espiritual, dependendo totalmente da natureza. A aproximação entre ambos ocorre mais no campo do entretenimento, quando os animais são aprisionados em zoológicos e circos, bem como no âmbito doméstico, com bichinhos de estimação, quando se estabelecem laços mais estreitos, por exemplo, entre o cão e o seu dono.

Há, ainda hoje, no Ocidente, algumas representações ligadas à morte, mítica ou real, que lembram os procedimentos tradicionais. Filmes, romances literários e poesias mostram morcegos sugando sangue de suas vítimas, a serpente bíblica evocando a morte física e espiritual ou hienas que sempre despertam horror e desagrado. Os meios de comunicação de massa, como cinema, literatura, televisão etc, também, exaltam a nobreza do animal, como o pelicano que morre para alimentar seus filhos ou a metamorfose, segundo Kafka, em que o homem se transforma em um inseto, na meta-

de do caminho entre a vida e a morte. Thomas sintetiza, citando S. Mollo:

Uma necessidade ou uma diversão, a morte dos animais pode considerar-se uma aproximação indireta dos problemas que planeja a morte, uma certa maneira de domesticá-la, de liberar-se da angustia da morte própria. (MOLLO, [19--] *apud* THOMAS, 1993, p. 113-114).

Outra abordagem de Thomas revela a preocupação do homem de que, além da certeza de que morrerá um dia, ainda existem as possibilidades de deixar e fazer morrer. No Ocidente, há várias maneiras de deixar morrer, como a desnutrição, o alcoolismo, tabagismo etc. Os anúncios publicitários estimulam o consumo de bebidas alcoólicas e do fumo, favorecendo o aumento de doenças cardiovasculares e diversos tipos de câncer.

Naquilo que o autor denomina de fazer morrer, ele elabora um inventário com os seguintes exemplos: o ecocídio, como a destruição dos ecossistemas pelo homem, incluindo a terra, os animais e as plantas que a povoam; o homicídio coletivo, uma vez que o “homem é o único ser da natureza capaz de destruir conscientemente, a sua própria espécie”. (THOMAS, 1993, p. 126). Nesta condição, figuram as guerras, os etnocídios e os genocídios; por fim, a morte particular, como o direito de matar, pena de morte, infanticídio, parricídio, matricídio, regicídio<sup>6</sup>, uxoricídio<sup>7</sup>, eutanásia, acidentes de trabalho etc. Portanto, fazer morrer resume-se a todos os impulsos mortíferos do homem.

Em seguida, Thomas fala sobre as figurações da morte e representá-la “não é somente vivê-la em imagem, em nossos sonhos, obsessões, impulsos, para desejá-la, ou temê-la, ou para integrá-la em um sistema filosófico; é também materializá-la em frases, em formas, em cores e em sons”. (THOMAS, 1993, p. 186).

A morte ao longo dos séculos inspira os mais diversos artistas, como poetas, pintores, músicos, escritores literários e escultores, de

<sup>6</sup> O assassinato de um rei ou de um chefe importante.

<sup>7</sup> Trata-se do assassinato do cônjuge, se mulher.

muitos dos quais o cinema e o teatro são tributários. Thomas resume:

Já se trata de idealização (se tem dito que a obra de arte é um equilíbrio fora do tempo), de purificação (se trata de exorcizar suas pulsões de morte ou de liberar-se de suas angústias), de presentificação (se buscam fazer presentes no pensamento dos homens as catástrofes ou a morte dos homens ilustres), ou somente da arte pela arte (bela morte, bela representação da morte), pouco importa contanto que a morte possa expressar-se submetida a todas formas de harmonia: possuída (bela, solene), buscada (sublime, dramática, trágica), perdida (cômica), também negada (falsidade). (THOMAS, 1993, p. 187).

Portanto, a morte converte-se num espetáculo. Isto não é nenhuma novidade, pois, nas arenas romanas, a morte dos cristãos transformava-se em diversão de pessoas ávidas por sangue inocente. A morte está estampada diariamente nos grandes veículos de propagação coletiva, sendo transmitida em sua realidade mais cruel. Guy Debord, em seu livro *A sociedade do espetáculo*, amplia esta noção, não a restringido apenas a uma referência aos meios de comunicação social, considerados por ele, como “o aspecto restritivo” do espetáculo ou sua “manifestação superficial mais esmagadora”. Tal manifestação, porém, faz parte da totalidade, a qual é mais espetacular e, por esta razão, parece ocupar a sociedade como “instrumentação que convém a seu automovimento total”. (DEBORD, 1997, p. 20-21)

Aliada a esta espetaculosidade da morte real, transmitida em imagens, há outra imaginada que povoa a dramaturgia, a literatura, o cinema etc. Assim, o poder de sugestão do cinema, por exemplo, não reside apenas no sentimento de presença, como imagens de mortos, assassinatos e ritos, mas também no fato de que a morte é projetada através de imagens, que são signos, portanto, apresenta uma linguagem própria, que precisa ser decodificada, a fim de viabilizar a interpretação.

Por fim, Thomas elabora uma síntese, demarcando, ainda, algumas diferenças entre o mundo africano e o universo ocidental:

Para o primeiro (alusão ao negro africano), o grupo toma a seu cargo o indivíduo desde o nascimento até a morte, o integra nos diferentes meios sociais, multiplica os ritos de transição, o mantém e o protege em casos de enfermidades, regulamenta a tristeza, organiza os funerais e o luto. No mundo ocidental, pelo contrário, o indivíduo se encontra só, frente a seus problemas (insegurança, angústia, traumas diversos): morre só, já não está rodeado de símbolos e ritos tranquilizadores, nada está previsto [...] para favorecer o trabalho de luto. (THOMAS, 1993, p. 630).

Em vista do exposto, a antropologia tautológica proposta por Thomas assume os problemas da morte, os quais só podem ser mostrados em um estudo comparativo na confluência de procedimentos multi ou interdisciplinares, porque, de acordo com o autor, a insuficiência de boa parte dos estudos sobre a temática é descuidar dessa exigência dupla.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No arremate deste texto, ponto que se buscou expor a elaboração teórica de Louis-Vicent Thomas expressa no livro *Antropologia da Morte*. O antropólogo francês, por meio de uma etnografia comparativa estudou a morte em algumas comunidades tribais africanas.

Ao abordar sobre a morte, o autor trilhou um caminho permeado de tabu, notadamente, para o homem ocidental moderno. Assim, desvenda que entre os africanos das sociedades tradicionais, o impacto da morte é reduzido, pois é assumida como uma interrupção provisória da existência individual.

Portanto, ao apresentar o texto de Thomas objetivou-se um convite à leitura, bem como à reflexão da temática sobre a morte, visto que tem sido cada vez mais expulsa da vida pública, para ser vivenciada no ambiente privado.

### REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ELIAS, N. **A solidão dos moribundos seguido de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- GIRARD, R. **O sacrifício**. São Paulo: É Realizações, 2011.
- GROTTANELLI, C. **O sacrifício**. São Paulo: Paulus, 2008.
- KEARL, M. C. **Endings: A sociology of death and dying**. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 2011.
- MAUSS, M; HUBERT, H. **Sobre o sacrifício**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- MORIN, E. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- SENNETT, R. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- THOMAS, L. V. **Antropología de la muerte**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- ZIEGLER, J. **Les vivants e la mort**. Paris: Seuil, 1975.